Cristiano Felipe Borba do Nascimento

Nada vem do nada: por uma revisão contemporânea do conceito de tipo edilício

Resumo

O artigo discute o conceito de *tipo edilício* nos estudos do ambiente construído. O objetivo é identificar qual o sentido original do termo e como ele pode ser revisto hoje, à luz de investigações recentes. Argumenta-se que o conceito de *tipo* – impresso por Quatremère de Quincy em 1825 – apresenta maior complexidade teórico-conceitual do que lhe atribuem os autores italianos de morfologia do século 20 e, em essência, é um conceito que guarda mais proximidade com uma interpretação social do espaço. Por fim, o artigo propõe que o termo seja lido dentro de uma perspectiva contemporânea, a ir além do de mero método projetivo ou do modelo descritivo: compreendendo as idéias subjacentes ao conceito de tipo como contribuição para um conhecimento científico sobre o ambiente construído.

Palavras-chave

Tipo edilício, tipologia, morfologia, espaço, sociedade.

Nada viene de nada: para una revisión contemporánea del concepto de tipo edilício

Resumen

El articulo discute el concepto de *tipo edilício* em los estudios del ambiente construyido. El objectivo es identificar cual lo sentido original del termino y como el puede ser revisto hoy, a luz de recientes investigaciones. Se argumenta que el concepto de *tipo* – dado por Quatremère de Quincy em el 1825 – presenta mas grande complejidad teórico-conceptual de lo que le atribuyen los autores italianos de morfología del siglo 20 y que, em esencia, es um concepto que está más cerca de uma interpretacion social del espacio. Al final, el articulo propone que el termino sea leido em uma perspectiva contemporánea, que va más allá de um mero método proyectivo o de un modelo descriptivo: comprendendo las ideas subyacentes al concepto de tipo como contribuicion para um conocimiento científico acerca del ambiente construyido.

Palabras clave

Tipo edilício, tipologia, morfologia, espacio, sociedad.

Nothing comes from nothing: for a contemporary revision of the concent of building type

Abstract

The paper discusses the concept of *building type* in built environment studies. Its objective is to identify which is the original sense of the term and how it can be revisited today according to recent researches' ideas. It is argued that the concept of *type* – used by Quatremère de Quincy in 1825 – presents a wider theoretical and conceptual complexity than that used to be given by the Italian authors of morphology of the 20th century and that, essentially, it is a concept closer to a social interpretation of space. Finally, it is proposed that the term must be understood from a contemporary point of view, beyond a mere a design method or a descriptive model: comprehending the ideas behind the concept of type seen as a contribution for scientific knowledge on built environment.

Key words

Building type, typology, morphology, space, society.

Introdução

Na história intelectual da arquitetura, a expressão "tipo edilício" é de uso freqüente. Entretanto, seus vários autores, das mais variadas linhas de pesquisa, nem sempre utilizam o termo "tipo" para se referir a uma mesma idéia.

Mais do que um conceito ambíguo ou controverso, a idéia de tipo é polissêmica, ou seja, serve a várias interpretações, a depender de quem o utiliza (COLQUHOUN, in: JENCKS; BAIRD, 1977; FORTY, 2000; MONTANER, 2001). No entanto, apesar dos diversos contextos em que aparece, nota-se que o termo é empregado com um dos seguintes objetivos: (a) servir como uma categoria analítica; (b) servir como um dado auxiliar à atividade compositiva; ou (c) prestar-se como um recurso bivalente às duas coisas ao mesmo tempo.

Um dos empregos do conceito de tipo é sob o ponto de vista da caracterização formal, em que pesam aspectos da plástica como categoria de análise da dimensão física da arquitetura (tipos formais). Falam-se em edifícios em forma de L, edifícios-pátio, edifícios-fita ou edifícios-barra ou remete-se o tipo a determinados padrões de arranjos geométricos de plantas – planta longitudinal com simetria bilateral/planta central com simetria radial. Nesse caso, o tipo é definido pela forma, sem, necessariamente, existir uma correspondência dessa com a utilidade prática do edifício (ARGAN, 2000).

Outro modo recorrente de utilização do termo é como categoria de classificação edilícia, do ponto de vista essencialmente funcional. Os edifícios são classificados por sua destinação, a serventia à determinada utilização programática. A classificação tipológica confunde com o título dado às próprias instituições que fazem uso dos edifícios: hospital, prisão, escola, igreja e tantos outros. O tipo é associado a um rótulo programático-funcional, sendo esta, quiçá, sua utilização mais generalizada, mesmo fora dos domínios da teoria da arquitetura (PEVSNER, 1997; MONTANER, 2001).

A utilização sobreposta dessas duas interpretações confirma a imprecisão no uso do termo. O rótulo funcional e alguma característica formal se unem em uma só classificação na tentativa de tornar mais compreensível a descrição: templo de planta circular; torre de escritórios e casa-pátio são alguns exemplos de nomenclaturas de bivalência do termo (MONTANER, 2001).

Em verdade, em sua origem – o enciclopedismo francês dos séculos 18 e 19 – o conceito de tipo apresentava a nítida intenção de tornar a arquitetura algo possível de ser classificado, dotado de leis que poderiam – e deveriam – ser, sistematicamente, descritas. Todavia, era um conceito que carregava, antes de tudo, uma forte conotação social (LAVIN, 1992).

Paradoxalmente, porém, o uso do termo ganhou maior força e polivalência de sentidos na iniciativa italiana de encontrar soluções alternativas para o modernismo (anos 50-60) – que, supostamente, não era adequado ao contexto urbano tradicional italiano. Essa postura foi difundida mundialmente por meio de

verdadeiros manuais para leitura da cidade e de seus edifícios e serviu até para a defesa do uso de soluções compositivas consagradas historicamente para problemas projetivos contemporâneos – como sugere a obra de Aldo Rossi de 1966, a *L'architettura della città*.

O argumento central deste artigo é que a conceituação de tipo edilício apresenta peculiar nível de complexidade como parâmetro teórico investigativo e taxonômico desde a formulação original de seu sentido. Defende-se, porém, sua validade atual como um princípio epistemológico à arquitetura: algo que está além de uma simples redução a padrões compositivos-formais-tectônicos facilmente reprodutíveis – como praticado por muitos dos seguidores das escolas italianas do século 20.

O argumento é construído em três etapas. A primeira delas apresenta a formulação inicial do conceito de tipo dado por Quatremère de Quincy no século 19, definindo suas particularidades perante seus contemporâneos da *Beaux-Arts* e da *Polytèchnique* de Paris e sendo realizada, principalmente, a partir do estudo desenvolvido por Sylvia Lavin (1992).

A segunda expõe como o termo tipo é apropriado pelas escolas italianas por intermédio de Muratori, Caniggia, Rossi e tantos outros, em suas tentativas de encontrar alternativas às prescrições formais da arquitetura moderna. Expõem-se, também, quais as inconsistências – apontadas, principalmente, por Massimo Scolari (1985) – que afastam a conceituação italiana da complexidade original do termo dada por Quatremère de Quincy.

A terceira mostra como alguns autores contemporâneos da morfologia da arquitetura fazem uso da idéia de tipo com interesse específico na relação entre *espaço edificado x sociedade*, quando são expostas as noções de tipo nas investigações realizadas por Thomas Markus (1987; 1993 – MARKUS; CAMERON, 2002) e Bill Hillier e seus colegas do campo da morfologia do espaço (HILLIER; HANSON, 1984; HILLIER; PENN, 1991 – HILLIER, 1996). Nesse ponto, o artigo defende que a visão desses autores pode ser compreendida como a validação do conceito perante o conhecimento atual acerca do ambiente construído.

Por fim, sugere-se que o tipo deve ser entendido, contemporaneamente, como uma ferramenta conceitual para a caracterização e interpretação da relação entre expectativas sociais e estrutura espacial edilícia – trazendo maior precisão ao termo e às especulações de Quatremère de Quincy.

2. Nada vem do nada – as bases sociais da arquitetura em Quatremère de Quincy

O primeiro registro objetivo do termo *tipo* (ou *type* em francês e inglês) em discursos sobre a arquitetura aparece na obra do francês Antoine Chrysostôme Quatremère de Quincy (1755-1849), teórico e crítico de arte com elevado prestígio social no período revolucionário da França entre os séculos 18 e 19. Precisamente, Quatremère de Quincy publica sua definição de tipo no *Dictionnaire d'architecture* da *encyclopédie méthodique*, em 1825[1], ficando clara sua ligação com a cultura enciclopedista da intelectualidade iluminista francesa daquele momento.

(1) O verbete *type* aparece, originalmente, no tomo III da edição de 1825 da *Encyclopédie méthodique: Architecture*. Nesse artigo, porém, utilizam-se os textos republicados no tomo II da edição de 1832 do *Dictionnaire historique d'architecture* da Librairie d'Adrien Le Clère et C.ie.

Nesse documento, Quatremère de Quincy afirma que existe, na arquitetura, uma essência particular a cada exemplar edificado, algo subjacente ao aspecto físico ou à imagem que a obra assume. Existe uma "regra que precede o modelo" ou a "razão original da coisa" (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832), um conteúdo sem forma definida, mas plenamente reconhecível – algo como o "espírito do edifício". Essa idéia, assumidamente aproximada à metafísica, é o que o autor chama de tipo de um edifício. Ele escreve:

> *"Em todos os países, a arte da construção nasce de uma fonte pré-existente. Tudo tem que ter um antecedente. Nada, seja de que gênero for, vem do nada, e isto deve se aplicar a todas as invenções humanas. Também vemos que todas as coisas, apesar das suas transformações subseqüentes, conservam sempre visível, sempre de um modo evidente – tanto para o senso como para a razão – esse princípio elementar que é como uma espécie de núcleo, do qual são obtidos e para o qual são coordenados, no decorrer do tempo, os desenvolvimentos e variações da forma aos quais o objeto é suscetível."* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832 t. II)[2].

Quatremère de Quincy faz uma clara distinção entre o tipo e o modelo. Enquanto o tipo é algo "vago", o modelo é um produto "preciso" (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832). O modelo é reprodutível, é aquilo que é passível de cópia. Já o tipo, por ser anterior a qualquer imagem realizada, não permite ser detalhadamente copiado. Partindo de um mesmo tipo, podem-se obter diversos modelos, mas não o contrário.

> *"(...) A palavra 'tipo' apresenta menos a imagem de uma coisa a se copiar ou imitar completamente que a idéia de um elemento que deve, ele próprio, servir como regra para o modelo (...)"* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1832 t. II)[3]

Não se percebe, no texto da *Encyclopédie méthodique*, nenhuma intenção explícita de tratar da prática ou do método de conceber-se edifícios. Não sendo de um arquiteto de formação, o discurso de Quatremère de Quincy é, antes de tudo, especulativo, não-prescritivo. De acordo com Lavin (LAVIN, 1992), aproximações às idéias do texto de 1825 já vinham sendo desenvolvidas por Quatremère de Quincy ainda antes da publicação enciclopédica. A organização do conceito como verbete é um registro de uma busca mais antiga do autor por uma "etimologia da arquitetura" (LAVIN, 1992, p. 62-100). Em escritos anteriores, ele afirma que busca revelar um "sistema coerente" na arquitetura ou uma "teoria do princípio original do qual esta arte nasceu" (cf. LAVIN, 1992 p. 86).

Em princípio, essa busca por uma essência da arquitetura reforça a visão metafísica de Quatremère de Quincy sobre a arquitetura. Contudo, aprofundando-se na construção de seu pensamento, passa-se a perceber como o autor delineia esses espíritos dos edifícios, apoiando-se em critérios mais pragmáticos para sua existência – os fatores sociais e econômicos que precedem a necessidade humana de edificar um abrigo a uma dada atividade.

Quatremère de Quincy aponta a existência de "três tipos principais" – a partir dos quais se originariam os demais, desenvolvidos nos diversos contextos históricos, culturais e econômicos: a *caverna, a tenda* e a *cabana*. Cada solução de

(2) Livre tradução do autor para o original: *"En tout pays, l'art de bâtir régulier est né d'un germe préexistant. Il faut un antécédent à tout; rien, en aucun genre, ne vient de rien; et cela ne peut pas ne point s'appliquer à toutes les inventions des hommes. Aussi voyons-nous que toutes, en dépit des changemens postérieurs, ont conservé toujours visible, toujours sensible au sentiment et à la raison, leur principe élémentaire. C'est comme une sorte de noyau autour duquel se sont agrégés, et auquel se sont coordonnés par la suite les développemens et les variations de formes dont l'objet étoit susceptibles."* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1932 t. II).

(3) Livre tradução do autor para o original: *"(...) Le mot type présente moins l'image d'une chose à copier ou à imiter complètement, que l'idée d'un élément qui doit lui-même servir de règle au modèle. (...)."* (QUATREMÈRE DE QUINCY, 1932, t. II).

abrigo primitivo era produto de uma necessidade social, de hábitos de conduta – sociedades nômades e caçadoras fariam uso de cavernas; as coletoras transportariam tendas portáteis; as sedentárias agrárias construiriam cabanas fixas. Todas as outras formas de arquitetura teriam emanado desses três tipos principais (cf. LAVIN, 1992).

Joseph Rykwert vê, em tal interpretação, a influência de outros contemporâneos iluministas, como Russeau, para quem o homem e suas realizações são vistos como produtos do meio em que ele vive (RYKWERT, 2003). Aponta, também, como Quatremère de Quincy se remete às "regras" que determinaram a elaboração desses tipos principais como critério para críticas à arquitetura em geral, inclusive a produzida na Europa do século 19. Para Lavin, essas regras determinantes dos tipos principais de Quatremère de Quincy eram justamente esses princípios sociais que justificaram cada modo diferente de produzir-se as edificações – o estabelecimento dessa noção de tipo feito por Quatremère de Quincy demonstra uma conexão entre definição de características arquitetônicas e padrões da sociedade (LAVIN, 1992).

Nota-se como o tipo não é um dado extraído da dimensão material dos edifícios em si. Ele seria, na verdade, uma instituição social, uma solução a demandas eminentemente relacionais dos indivíduos. Essa função social da arquitetura lhe é tão natural que o autor chega até a colocá-la em paralelo com a necessidade de produzir e utilizar a linguagem – algo que pode ser percebido em qualquer sociedade:

> *"A teoria do tipo de Quatremère suscita uma dimensão operativa, porque ela determina não apenas a gênese dos primeiros edifícios do mundo, mas a gênese de todos os edifícios: tipos se tornam arquitetura do mesmo modo que gestos se tornam palavras."* (LAVIN, 1992 p. 98)[4]

Assim como era possível se estudar um sistema universal de formação das linguagens, o mesmo poderia ocorrer para a formação das diferentes arquiteturas. Como ambas são definidas em termos sociais e cada sociedade é um sistema em particular, não deveria haver um sistema de interpretação e produção arquitetônica *preferencial* – cada princípio é adequado às regras de geração de seus contextos originais – na verdade, deve-se tentar encontrar qual é seu sistema *universal*, como sugere Lavin:

> *"Esta esfera de interesse ampliada encorajou Quatremère a procurar por um sistema universal da arquitetura, mas mais importante, ela também encorajou uma visão ampliada da própria arquitetura, em particular, uma apreciação mais abrangente da sua função social."* (LAVIN, 1992 p. 99)[5]

2.1 O conceito de tipo e o ensino de projeto na França dos séculos 18 e 19

Considerando o momento histórico em que aparece, é comum a idéia de tipo acima discutida ser associada a um dado momento da história intelectual da arquitetura ocidental: o neoclassicismo *beaux-arts* francês.

De fato, o período napoleônico na França suscitou a criação de escolas de arquitetura voltadas para o ensino sistemático da profissão. Fosse nas escolas de Belas Artes ou nas Politécnicas, o conhecimento sobre a arte de construir

(4) Livre tradução do autor para o original: *"Quatremère's theory of type claimed an operative dimension because it determined not just the genesis of the world's first buildings but the genesis of every building: types became architecture in the same way that gestures became words."* (LAVIN, 1992, p. 98).

(5) Livre tradução do autor para o original: *"This enlarged sphere of interest encouraged Quatremère to search for a universal system of architecture, but, more importantly, it also encouraged an enlarged view of architecture itself and, in particular, a wider appreciation of its social function.* "(LAVIN, 1992, p. 99).

precisava ser didaticamente transmitido – algo diferente do que costumava ocorrer nas antigas relações medievais de mestre e aprendiz até então vigentes (BENEVOLO, 1998).

A prática da arquitetura erudita, que sempre se concentrou na produção de monumentos, palácios ou templos, precisava ceder aos novos programas da sociedade capitalista industrial que naquele momento emergia. No século 18, os edifícios se especializam – surgem o hospital, a penitenciária, o hospício, os novos prédios governamentais (FOUCAULT, 2006). Nas escolas, é preciso que sejam elaborados estudos detalhados sobre qual a melhor utilização da ornamentação para as fachadas de cada um dos novos edifícios, além da catalogação das soluções de arranjos espaciais das plantas edilícias desenvolvidas para as novas funções (BENEVOLO, 1998; CURL, 2003).

Embora o pensamento de Quatremère de Quincy aparente total correlação com esse contexto histórico, existem algumas diferenças básicas entre sua "metafísica da arquitetura" e os métodos de projeto produzidos nas escolas. Enquanto Quatremère de Quincy se preocupava em encontrar um sistema universal para a arquitetura, por exemplo, a predileção neoclássica era pela adaptação dos elementos da arquitetura greco-romana. Essa opção levou a revisões nas ordens clássicas originais e ao estabelecimento de critérios para sua aplicação em novos programas e tecnologias (CURL, 2003). Um dos grandes incentivadores da volta aos sistemas compositivos clássicos como solução para uma organização moderna da prática projetiva foi o *Abbé* Marc-Antoine Laugier (1713-1769). Laugier defendia uma volta à simplicidade dos modelos clássicos como oposição à exuberância e à opulência decorativa do barroco e do rococó (CURL, 2003).

Laugier também defendeu a existência de edifícios primitivos, mas por motivos diferentes dos de Quatramère. Em seu *Essai sur l'Architecture*, de 1753, já aparecia a idéia de uma "cabana primitiva" (CURL, 2003; RYKWERT, 2003). Entretanto, é notável a diferença entre essa concepção e os tipos principais de Quatremère de Quincy – para Laugier, a cabana primitiva servia para justificar a evolução do uso da madeira em ornamento nas colunas gregas; para Quatremère de Quincy, pesavam os motivos, as demandas sociais, que determinariam sua escolha e condicionaram suas características.

Também o uso das ordens – defendido por Laugier e por tantos outros defensores do neoclássico, seus contemporâneos –, é confundido, por vezes, com o conceito de tipo. Uma ordem é um conjunto de normativas geométricas para obtenção de relações harmônicas entre os elementos dos edifícios. É algo bastante diverso à noção de tipo – uma regra de existência do edifício subjacente à forma geométrica, ornamentação ou dimensionamentos de qualquer natureza.

Outro equívoco comum sobre a relação do tipo de Quatremère de Quincy e a racionalização dos métodos de projeto é verificado ao atribuir-se a realização de um estudo tipológico objetivo a Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1834). Durand foi professor na *École Polytechnique* de Paris e elaborou uma série de lições sobre como soluções volumétricas compositivas consagradas poderiam ser utilizadas em combinação a modelos planimétricos para vários programas edilícios (DURAND, 2000). Entretanto, como destaca Lavin (LAVIN, 1992 p. 62), Durand nunca empregou, em suas obras, o termo tipo. As lições de Durand estariam, portanto, muito mais próximas de uma coleção de modelos reprodutíveis do que da identificação da essência generativa dos edifícios com que trabalhava.

Enquanto isso, como identifica Rykwert (2003 p. 34), as posições de Quatremère de Quincy – marcadas pela busca daquilo que estaria sob a forma reprodutível do modelo – foram se tornando pouco úteis para os interesses de objetivação prescritiva da prática projetiva neoclássica, sendo, na verdade, renegadas pela própria Escola de Belas Artes de Paris. O discurso de Quatremère de Quincy, assim, vai se tornando isolado e sem aplicações ou desdobramentos didáticos imediatos plenamente coerentes com suas motivações iniciais, mesmo àquela época.

3. A *TIPOLOGIA EDILIZIA* ITALIANA – PENSANDO CIDADES A PARTIR DE EDIFÍCIOS

A crescente busca pela racionalização de meios e formas da produção arquitetônica do século 19 atingiu seu auge no início do século seguinte, com o advento das diversas vertentes do movimento moderno (BENEVOLO, 1998).

Se o uso do termo tipo não era um dos pontos centrais do modernismo, a busca por soluções padrão e a industrialização dos materiais terminou por criar também certos modelos de pretensa aplicabilidade universal (FRAMPTON, 2000; RYKWERT, 2004). As unidades *domin-no* de Corbusier ou os edifícios prismáticos de escritórios de Mies Van Der Rohe podem ser apontados como tipos emersos da arquitetura moderna, ainda que seus autores não o assumam explicitamente (CENIQUEL, 1990).

A reprodutibilidade das realizações do modernismo era tão eficaz que, nas décadas seguintes do século 20, principalmente no pós-Segunda Guerra, essa característica foi alvo de duras críticas por parte de alguns autores, muitos deles lidando com problemas de reconstrução de cidades de países periféricos aos grandes centros que já haviam se acostumado com a arquitetura modernista. A principal acusação era a falta de relação apresentada pelas soluções modernas com a história local, na qual os objetos eram situados (FRAMPTON, 2000).

Um dos países que mais produziu obras críticas ao modernismo foi a Itália. Esse processo se inicia com nomes como os de Gustavo Giovannoni e Giuseppe Pagano nas análises territoriais urbanas (MARZOT, 2002) e, no campo da teoria e história da arquitetura, tem seu maior representante em Saverio Muratori (1910-1973) (MOUDON, 1997; CATALDI; MAFFEI; VACCARO, 2002).

Muratori foi um dos fundadores dos estudos morfológicos na Itália. Suas obras seminais sobre o assunto são o *Studi per uma operante storia urbana di Venezia*, de 1959[6], e o atlas *Studi per uma operante storia urbana di Roma*, de 1963 (CATALDI; MAFFEI; VACCARO, 2002). Tais obras almejavam servir como guias para a compreensão dos valores urbanos inerentes às várias fases da existência das cidades analisadas. Tinham um caráter eminentemente descritivo e historiográfico, mas davam indícios de como lidar com as influências e implicações que novos projetos poderiam ter sobre as malhas urbanas preestabelecidas (CATALDI; MAFFEI; VACCARO, 2002 p. 4-5).

O método de descrição proposto por Muratori (1960) consistia em fazer uma leitura da cidade, associando momentos históricos a certas linguagens formais arquitetônicas presentes nos edifícios – estes eram entendidos como componentes

(6) O estudo aparece originalmente na revista *Palladio*, n. 3-4, 1959, segundo citação no artigo de Cataldi, Maffei e Vacaro (2002, p. 3-12). Nesse trabalho, a edição consultada e referenciada foi a do livro editado em 1960 pelo *Istituto poligrafico dello Stato*, de Roma.

fundamentais do organismo da cidade. A então chamada *tipologia edilizia* se baseava em identificar as características tectônicas que se perpetuavam ou modificavam no curso histórico nas diversas partes dos edifícios.

As denominações deveriam contemplar desde elementos estruturais até o objeto arquitetônico como um todo. Os termos utilizados se baseavam na escolha entre funções de sentidos opostos – *recinto* x *cobertura*; *portante* x *portado*; *servente* x *servido*; *edilícia de base* x *edilícia especializada* (MURATORI, 1960; cf. STRAPPA, 1995). Essa última oposição – edilícia de base e edilícia especializada – diz respeito ao sentido mais geral das edificações que conformam uma cidade tradicional: a base da cidade é a habitação, o uso mais recorrente na dimensão física do organismo urbano; os edifícios especializados são os objetos arquitetônicos que se destacam em meio à recorrência formal das habitações, são excepcionais, constituindo marcos de referência para o desenvolvimento da cidade por sua diferenciação morfológica (cf. STRAPPA, 1995).

Esses princípios descritivos concebidos por Muratori para uma reflexão fundamentalmente histórica – em suas palavras, a construção de uma "história operante" – das cidades foram, todavia, elevados a uma outra condição de aplicabilidade por seus alunos das escolas de Veneza e Roma. Paolo Maretto, Gianfranco Caniggia e tantos outros assistentes de Muratori foram convidados como professores em diversas escolas de arquitetura da Itália (MOUDON, 1997; CATALDI; MAFFEI; VACCARO, 2002). Nesse processo, os sucessores de Muratori trataram de formar, em seus respectivos cursos, um corpo didático próprio para o método desenvolvido pelo mestre – a *tipologia edilizia* – que passava a ganhar o *status* de disciplina, sendo absorvida nas décadas seguintes como componente curricular normal em muitos dos cursos de arquitetura italianos (CATALDI; MAFFEI; VACCARO, 2002).

Entretanto, enquanto prática curricular, a tipologia viria a assumir, para seus adeptos, uma nova função. O método essencialmente descritivo-historiográfico de Muratori, concebido para atender à realidade das cidades históricas italianas, passa a ser desenvolvido também como método projetivo para edifícios contemporâneos (SCOLARI, 1985; MARZOT, 2002). Os elementos tipicamente encontrados nos estudos históricos sobre o urbano passam a fazer parte do repertório formal compositivo das disciplinas de projeto. Essa utilização é particularmente explorada por Gianfranco Caniggia (1932-1987) que, em co-autoria com seu pupilo Gian Luiggi Maffei, prepara a obra fundamental dessa nova utilização do termo *tipo* na história intelectual da arquitetura: *Composizione architettonica e tipologia edilizia*, que seria dividida em quatro volumes (só os dois primeiros completos) e constituir-se em um manual para os cursos de arquitetura, inclusive fora da Itália.

No pensamento de Caniggia e Maffei, o sentido dado ao tipo é diverso ao de Quatremère de Quincy. Para os italianos, o tipo é um conjunto orgânico de conhecimentos que se desenvolve a partir do fazer arquitetônico espontâneo e consolida-se na história. Há tantos tipos quantos forem esses conjuntos de conhecimento passíveis de serem concretizados fisicamente na forma edificada (CANIGGIA; MAFFEI, 1979). Para Quatrémère, o tipo não é exatamente físico, portanto menos variável (LAVIN, 1992). Mais ainda, o tipo, para Quatremère, não era identificado pelo conjunto de pequenas características visíveis, mas pelas regras mais gerais, de origem social, que motivavam o surgimento dos edifícios antes mesmo de sua dimensão visual chegar a expressar-se.

3.1 Noção de tipo em Rossi

A linhagem intelectual de Muratori instituiu-se, principalmente, dentro da própria Itália, devido, sobretuto, ao formato didático que assumiu *a posteriori*. Contudo, outros dois autores, igualmente italianos, não explicitamente ligados à referida linhagem, também trataram da relação entre cidade e edifícios por meio do uso de certo conceito de tipo arquitetônico em suas obras. São eles: Aldo Rossi (1931-1997) e Giulio Carlo Argan (1909-1992).

Ambos apresentam notáveis semelhanças: o entendimento da cidade como um objeto artístico; a leitura da arquitetura como elemento formador da cidade e, o mais curioso, fazem pouca referência a Muratori, mas têm em Quatremère de Quincy a referência para discorrer sobre a necessidade de falar-se de tipo arquitetônico (ROSSI, 2001; ARGAN, 2000, 2005).

Argan procura, na revisão do próprio Quatremère de Quincy, meios para compreender possíveis valores absolutos da forma arquitetônica, em uma visão histórica sobre a formação da cidade. Sua visão, contudo, parte do princípio que a idéia de tipo tem um viés eminentemente artístico, interpretação que, como já foi visto, não condiz plenamente com seu sentido original. De qualquer modo, o posicionamento de Argan sobre a idéia de tipo edilício é pontual – serve como complementação a estudos que se propõem mais abrangentes, como a construção de uma história da arte em paralelo a uma história da cidade ou discussões sobre a atividade projetiva (ARGAN, 2000, 2005).

Dentre os dois, entretanto, a obra do milanês Aldo Rossi terminou por adquirir maior popularidade mundial – inclusive maior do que as obras dos demais morfólogos italianos acima citados. Em *A arquitetura da cidade* (*L'architettura della cittá*), Rossi lança um tratado contemporâneo sobre como compreender a cidade em sua dimensão física[7]. A pretensão da obra é inaugurar uma ciência urbana – composta por uma teoria específica sobre os *fatti urbani* (fatos, ou feitos, urbanos) e um método de análise próprio.

> *"... procurei estabelecer um* ***método de análise*** *que se preste a uma avaliação quantitativa que possa servir para levantar o material estudado segundo um critério unitário. (...)"* (ROSSI, 2001, p. 3) (itálicos originais)

Por fatos urbanos, entende-se aquilo que é apreendido sensorialmente pelo usuário da cidade, ou seja, a ênfase está na dimensão física abarcada pela capacidade de percepção visual humana *in situ*. Já o método consiste na delimitação de uma área de estudo (que deve conter certo grau de homogeneidade) e na descrição das relações que se estabelecem no espaço urbano entre os elementos que o definem – os edifícios.

Nesse momento é que Rossi faz uso de uma tipologia que, segundo ele, nasce no conceito de tipo dado por Quatremère de Quincy. Entretanto, a opção tipológica de Rossi é mais fiel a categorias criadas por alguns geógrafos (principalmente Tricart[8]) para a análise físico-territorial urbana que aos princípios metafísicos de Quatremère: a divisão feita em sua obra é simplesmente entre edifícios habitacionais e não-habitacionais/institucionais. Para Rossi, os primeiros constituem, morficamente, as *áreas-residência* e os últimos são os *elementos primários* da cidade (ROSSI, 2001).

(7) Embora se utilize, aqui, texto da edição brasileira de 2001, a primeira edição italiana do livro de Rossi é de 1966 (da editora milanesa Marsilio Editori), mesmo ano da primeira publicação de *Complexity and contradiction in architecture*, de Robert Venturi. Considerando o momento histórico, pode-se afirmar que são duas obras de grande importância para a revisão dos princípios do movimento moderno na arquitetura do século 20.

(8) Geográfo com grande contribuição à geomorfologia, Jean Tricart propunha a leitura da cidade a partir de seu conteúdo social, segundo o próprio Rossi (2001, p. 33) além de ter lançada a idéia da *ecodinâmica* e ter trabalhado a classificação tipológica de elementos geomorfológicos também como elementos de paisagem, em que um dado tipo de elemento se distingue do outro quando há rupturas ou descontinuidades no processo de sua gênese e não só em seu aspecto visual.

> *"Esse método é proporcionado pela teoria dos fatos urbanos... pela identificação da cidade como artefato e pela divisão da cidade em elementos primários e em área-residência. Estou convencido de que há uma séria possibilidade de se fazerem progressos nesse campo, procedendo-se a um exame sistemático e comparativo dos fatos urbanos com base na primeira classificação aqui tratada. (...)"* (ROSSI, 2001, p. 3)

Essa separação é feita por Rossi a partir das funções originalmente atribuídas aos edifícios. A categoria tipológica, desse modo, não varia, mesmo se o uso da estrutura física dos edifícios vier a mudar. Essa visão é em parte justificada por Rossi pela formulação teórica de Poète e Lavedan (a *teoria das permanências*)[9] – o poder de manutenção do sentido da forma física de certos elementos urbanos no decorrer da história da cidade. Nesse ponto, Rossi contextualiza em seu método, em uma perspectiva também histórica da cidade, em que a forma materialmente realizada adquire importância central (ROSSI, 2001).

Ainda que não-declaradas, nítidas confluências com o trabalho de Muratori podem ser percebidas: a situação histórica, a dicotomia *área-residência x elementos primários* (*edilícia de base x edilícia especializada* em Muratori) e a própria defesa da relação íntima entre forma urbana e forma arquitetônica. Entretanto, é o caráter mais genérico de sua tipologia o maior responsável pela popularidade das idéias de Rossi. Sendo uma formulação menos apegada à descrição minuciosa do edifício em suas partes, consolida-se uma abordagem menos dependente do contexto italiano e de mais imediata aplicação em contextos urbanos de outros países[10].

3.2 Algumas inconsistências na tipologia italiana

Percebe-se que, dentro de uma mesma escola de morfologia urbana e edilícia, as derivações e os conflitos conceituais podem existir. Marzot, por exemplo, aponta a fragilidade no uso de determinados termos – como o próprio *tipo* – dentre as várias escolhas ideológicas dos autores (MARZOT, 2002). Não há apenas diferenças entre as obras de Muratori e o tratado de Rossi. Entre os próprios seguidores de Muratori, Marzot identifica utilizações contraditórias do termo:

> *"(...) Este uso do tipo inevitavelmente leva a uma consistente diminuição na efetividade da interpretação. (...) Este sistema tem um amplo leque de possibilidades porque cada definição de um tipo se refere a uma idéia específica de arquitetura. (...)"* (MARZOT, 2002, p. 59)[11]

Desse modo, a definição e o uso do termo *tipo* seguem conveniências ideológicas e terminam por atender somente àquela formulação que se deseja validar.

Scolari[12], por sua vez, faz uma crítica mais voltada para as utilizações subseqüentes dos estudos tipológicos empreendidos por Muratori e Caniggia e, em especial, Aldo Rossi (SCOLARI, 1985). Para o autor, o estudo de Muratori, por si, tem validade duvidosa, mesmo em seu contexto original – uma descrição de caráter historiográfico-morfológico das cidades italianas. Para Scolari, ao passo

(9) Como aponta o próprio Rossi (2001, p. 37-39), primeiro Marcel Poète, e depois Pierre Lavedan, seu seguidor, são pioneiros na interpretação da cidade como um organismo que se desenvolve no tempo. Esse organismo partiria de alguns elementos arquitetônicos/urbanos geratrizes e, mesmo em seu desenvolvimento ao longo do tempo, seria possível identificar a persistência de seu plano, que lhe confeririam caráter particular.

(10) É notável a aceitação das idéias de Rossi em países como Portugal, Estados Unidos (onde lecionou em diversas universidades) e Brasil, por exemplo – desde a formação nas escolas até a prática profissional posterior.

(11) Livre tradução do autor para o original: *"Such use of type inevitably leads to a consistent diminution in the effectiveness of the interpretation. (...) That system has a wide range of possibilities because every definition of a type refers to a specific idea of architecture (...)"* (MARZOT, 2002, p. 59).

(12) Massimo Scolari, arquiteto, artista plástico e autor de diversos trabalhos sobre história e crítica da arquitetura, nasceu, em 1943, também em Milão. Foi assistente e colaborador de Rossi em alguns trabalhos e circulou como professor visitante pelas mesmas escolas de arquitetura norte-americanas daquele, na segunda metade dos anos 70.

que os dados coletados pela pesquisa tipológica vêm a ser utilizados como princípio didático da prática de projeto, há o risco de cair-se na simples cópia de modelos históricos. Ele afirma:

> *"Este* ***destino estacionado*** *sob a pele da projetação já estava implícito na premissa. Os estudos aos quais elas se referiam diretamente eram aqueles desenvolvidos por Saverio Muratori durante os anos cinqüenta quando titular da disciplina de 'Caretteri distributivi degli edifici' do Instituto Universitário de arquitetura de Veneza. Representando atualmente um clássico dos estudos urbanos, aqueles estudos não dispunham para si próprios de um verdadeiro método histórico ou de uma 'técnica de investigação' suficientemente clara e autônoma. O próprio título que Muratori deu à sua publicação sobre Veneza é muito significativo:* ***Estudo por uma operante história urbana de Veneza****. A sua análise tipo-morfológica tinha um objetivo "operante" (operacional), estabelecendo um discutível evolucionismo entre história e planejamento. Afirmando que 'o juízo histórico é (todavia) já um juízo operativo, programas de ação, plano urbanístico...', favorecia uma perigosa sobreposição entre linguagens históricas e linguagens projetivas. Nós sabemos, hoje, que nenhuma análise histórica pode possivelmente legitimar ou determinar escolhas projetivas sem perder alguma coisa do seu conteúdo disciplinar, e que a utilidade da história reside justamente na sua alta inutilidade."* (SCOLARI, 1985, p. 42) (itálicos originais)[13]

Ao se referir à obra de Rossi, Scolari identifica a tendência à valorização do aspecto puramente formal do edifício, vista como uma maneira de o autor justificar teoricamente sua prática projetiva. Então, quando terceiros se utilizam dessa relação criada por Rossi como método universal de projetação, copiando formalmente os elementos por ele valorizados em seus projetos, os resultados seriam ainda mais superficiais (SCOLARI, 1985).

> *"(...) Mas esses estudos urbanos, nos quais se quis encontrar o novo lugar do projeto, não foram capazes de munir a si próprios de uma sólida base científica e metodológica. (...)."* (SCOLARI, 1985 p. 42)[14]

Sobre a operacionalidade do método proposto por Rossi e sua tipologia, Scolari identifica, por um lado, a vantagem da simplicidade – capaz de grande alcance didático – e, por outro, o risco de cair-se em um excessivo simplismo conceitual acerca da utilização do tipo como princípio de arquitetura – baseado tão somente na permanência temporal das características plástico-tectônicas dos edifícios para o espaço urbano.

> *"As posições de Rossi favoreceram uma certa desvalorização do profissionalismo e a recuperação dos elementos locais e autobiográficos, negligenciados pelo estilo internacional. Mas ao mesmo tempo, a ênfase dada à análise urbana e à teoria da arquitetura desvalorizou a disciplina como uma profissão de construtores, ao final, favorecendo mais a composição que o projeto. A própria substituição*

(13) *Livre tradução do autor para o original: "Questo* destino bloccato *sotto la pelle della progettazione era del resto implicito nelle premesse. Le ricerche alle quali essi facevano direttamente riferimento erano quelle di Saverio Muratori svolte presso la cattedra di 'Caretteri distributivi degli edifici' dell'Istituto Universitário di Architettura di Venezia negli anni Cinquanta. Diventati ormai um classico degli studi urbani, quelle ricerche non si avvalevano di um vero e proprio metodo storico e di uma rilevazione' sufficientemente chiara e autonoma. Lo stesso titolo che Muratori diede alla famosa pubblicazine su Venezia è molto significativo:* Studi per una operante storia urbana di Venezia *(1959). Le sue analisi tipo-morfogiche si ponevano in una porpettiva 'operante' stabilendo un discutible evoluzionismo tra storia e pianificazione. Affermando che 'il giudizio storico è (dunque) già giudizio operativo, programma d'azione, piano urbanistico...'. avviava un pericoloso inquinamento tra i linguaggi della storia e quelli della progettazione. Oggi sappiamo con maggiore consapevolezza che nessuna analisi storica può legitimare o determinare scelte progettuali senza perdita di disciplina e che l'utilità delle storia risiede proprio nella sua elevata inutilità."* (SCOLARI, 1985, p. 42).

(14) Livre tradução do autor para o original: *"(...) Ma proprio gli studi urbani, sui qualisi voleva rifondare il luogo stesso progetto, non riuscirono a darsi solide basi methodologiche e scientifiche (...)."* (SCOLARI, 1985, p. 42).

> *radical do profissional projeto-construção pelo projeto-teoria impediu que a complexidade teórica correspondesse à complexidade anílitico-projetiva. Toda uma geração de estudantes imersa num aflito aforismo político-social foi formada dentro de* ***uma ideologia da recusa****, obrigada a escolher entre a autonomia da arquitetura e a sua desintegração. em pura política. São problemas que condicionaram muitas das recusas culturas desses anos."* (SCOLARI, 1985, p. 42) (itálicos originais)[15]

Em Rossi, o tipo sofre, portanto, uma significativa redução no grau de complexidade teórica quando comparado ao que foi dado por Quatremère de Quincy, ao mesmo termo.

4. Revisando a validade do tipo – termo e conceito hoje

(15) Livre tradução do autor para o original: *"Le posizioni di Rossi favorirono certo la svalutazione del professionismo e il recupero degli elementi locali e autobiografici, trascurati dall'international style. Ma allo stesso tempo, l'enfasi data analisi e alla teoria della'architettura porto allá svalutazione della disciplina como professione 'costruttiva' ed in definitiva privilegiò la composizione rispetto alla progettazione. E proprio la radicale sostituzione del 'professionale' progetto-costruzione con il progetto-teoria impedì che alla complessità delle premesse teoriche corrispondesse una eguale complessità analitico progettuale. Tutta una generazione di studenti immersa in angosciose aporie politico-sociali, venne formata in una ideologia del rifuto, obbligata a scegliere tra l'autonomia dell'architettura e la sua dissoluzione nera pura politica. Problematiche, queste, che condizionarono molte delle rinunce culturali di quegli anni."* (SCOLARI, 1985, p. 42).

Comparando as idéias de tipo em Quatremère de Quincy e nos morfólogos italianos (tanto Rossi como os filiados diretamente a Muratori), fica claro que está se tratando de dois conceitos distintos para um mesmo termo.

Enquanto o primeiro tem uma visão especulativa, buscando encontrar fatores que subjazem a forma edificada, os últimos se interessam, justamente, pelas características físicas construídas dos edifícios. Outra diferença fundamental encontra-se no fato de Quatremère de Quincy, embora tivesse acesso a uma menor gama de exemplares de arquitetura, devido à própria época, procurar por generalizações, leis universais que servissem como base a uma teoria sobre os princípios de produção da arquitetura como um todo, em qualquer situação. Já Rossi, Caniggia e os demais partiram do estudo de soluções compositivas consagradas historicamente no contexto particular italiano e, sobre elas, criaram regras de aplicação na prática da leitura urbana e do projeto edilício, ainda que tais regras fossem baseadas na repetição daquelas soluções. Enquanto Quatremère de Quincy buscava construir uma teoria analítica, a tipologia *edilizia italiana* terminava por se constituir em um método prescritivo.

Todavia, há ainda uma questão de importância central que particulariza e provoca um interesse ainda atual nas sugestões de Quatremère de Quincy: a assertiva de a arquitetura ser produto de expectativas sociais. As utilizações da idéia de tipo posteriores a Quatremère de Quincy olharam os objetos arquitetônicos na história, mas se percebe pouca preocupação no que diz respeito aos fatores mais elementares que suscitam sua produção – pelo contrário, há um deliberado distanciamento das questões ligadas à função ou ao uso (ROSSI, 2001).

Considerando a primazia de Quatremère de Quincy na publicação e definição da expressão tipo – ele é referência, inclusive, na obra de Rossi – e a constatada simplificação conceitual da *tipologia edilizia* italiana, entende-se que é sobre o pensamento de Quatremère de Quincy que uma discussão contemporânea sobre o tipo deve ser efetuada, e não sobre suas derivações. Para tal, é necessário buscar teorias que aceitem a relevância das motivações sociais

na arquitetura, as expectativas de utilização do objeto arquitetônico. Além do mais, convém que essas teorias prezem pelo caráter descritivo-analítico semelhante ao de Quatremère de Quincy, ou que não tenham a pretensão de prescrever normas e modelos de projetação-reprodução edilícia.

A seguir, é apresentada uma breve revisão de alguns autores que têm demonstrado interesse especial pela relação entre sociedade e ambiente construído e, ao mesmo tempo, utilizado o termo *tipo* em sua produção teórica sobre a arquitetura.

4.1 Tipos de edifícios como modos de relações entre indivíduos

Uma das aplicações contemporâneas do conceito de tipo aparece precisamente formulada na teoria da lógica social do espaço (HILLIER; HANSON, 1984). Hillier e Hanson oferecem uma interpretação para a origem da arquitetura: constroem um tipo edilício primordial a partir do conceito de um edifício elementar para explicar o mecanismo de produção e funcionamento mais primário do espaço edificado – a mediação de relações sociais. A sua estrutura é composta apenas pela delimitação de uma unidade espacial, acessível ao ambiente exterior por uma só abertura. Os elementos físicos que fazem a separação do espaço interior ao edifício do espaço exterior são, em sua interpretação mais primária, barreiras ao acesso de indivíduos; a abertura para o exterior é uma permeabilidade.

Nesse modelo, a função essencial do espaço é promover a interface entre aqueles que habitam (controlam) o edifício e aqueles que o visitam. Os primeiros se situam na zona mais distante em relação ao exterior, e estariam mais segregados na relação; os últimos são mantidos nos espaços mais próximos em relação ao exterior, e estariam mais integrados na relação e ao sistema como um todo (HILLIER; HANSON, 1984).

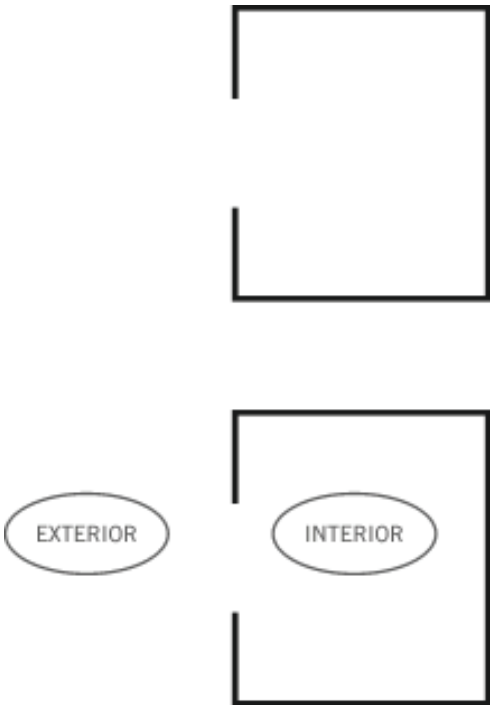

Figura 1 – Esquema gráfico da idéia de um edifício elementar
Desenho: Autor, a partir de Hillier e Hanson, 1984

Considerando o caráter do evento que se deseja promover, edifícios com mais alto nível de complexidade programática podem subdividir, multiplicar ou mesmo inverter aquele padrão de relação entre usuários do edifício elementar. Sendo assim, dependendo de como e onde ocorrem tais diferenciações, distintos tipos edilícios são elaborados. O raciocínio dos autores sugere um caminho para que se descreva a arquitetura a partir do conjunto de relações geradas pela organização espacial, não por seu aspecto físico-material (HILLIER; HANSON, 1984 – STEADMAN, 1998 – HILLIER, 1996).

Thomas Markus é outro autor que devota sua produção à tentativa de compreender o processo particular de formação das diferentes categorias de edifício (MARKUS, 1987, 1993) compartilhando dos mesmos pressupostos dos autores acima mencionados.

Markus (1993) compõe uma obra inteira sobre o problema tipológico em edifícios não-habitacionais, utilizando o mesmo instrumental descritivo-analítico de Hillier e Hanson (1984). O autor estuda um conjunto de edifícios produzidos durante a Revolução Industrial para abrigar programas emergentes àquela época. Chega, inclusive, a identificar padrões de recorrência na estrutura espacial de alguns dos casos estudados. Ele divide os exemplares que analisa em tipos que relacionam: (a) pessoas a pessoas – podendo ter objetivos de formação (escolas, conventos, monastérios, orfanatos, etc.), de reformação (asilos, hospitais, penitenciárias, etc.), de limpeza (os banhos e as saunas públicas) ou de recreação (os panoramas e dioramas, clubes, etc.); (b) pessoas a conhecimento – sendo ele material (museus, bibliotecas) ou efêmero (teatros, anfiteatros); e (c) pessoas a coisas – seja em processos de produção (indústrias, manufaturas) ou de troca (bolsas, mercados, etc.) (MARKUS, 1993).

Markus e Hillier convergem em vários pontos sobre o processo de elaboração do objeto arquitetônico. Aceitam que, antes de constituir-se um edifício, a produção da arquitetura é precedida por expectativas da sociedade de viabilizar-se como estrutura (GIDDENS, 2003; HOLANDA, 2002). Uma série de regras de funcionamento social está impregnada tanto no indivíduo como no projetista que produz para o indivíduo. São normativas que regem as dinâmicas próprias a qualquer evento humano. Aqueles eventos que necessitam do meio "espaço" para se realizarem têm agregados a si um conjunto próprio de convenções a serem seguidas pelos indivíduos (HILLIER; PENN, 1991).

Markus associa a idéia dessas convenções a um *texto* – afirma que todo edifício é fruto de um texto que o precede (MARKUS, 1987) – e, posteriormente, o edifício é ele próprio um discurso no qual essas convenções originais podem ser "lidas" (MARKUS; CAMERON, 2002). Para Hillier (HILLIER & PENN, 1991), essas convenções constituem *modelos*[16] – afirma que edifícios são precedidos por regras de práticas sociais. Ambos concluem que textos (ou modelos, em Hillier) mais complexos, ou mais longos, produzem edifícios mais carregados de convenções, com tendência a conservar certos padrões de utilização; textos menos complexos, ou mais curtos, produzem edifícios com menos carga de convenções, capazes de gerar várias possibilidades de utilização.

Sobrepondo os conceitos e os argumentos dos autores, pode-se sintetizar a idéia da seguinte forma:

• A instituição de um sistema espacial formado por barreiras e permeabilidades é uma tradução dos modelos de convenções sociais; é um

(16) Percebe-se uma diferença no uso da expressão *modelo* em relação à de Quatremère de Quincy. Em Hillier, o modelo ainda precede a forma construída. Em Quatremère de Quincy, o modelo é o próprio objeto concretizado – o modelo é um padrão de relações definido textualmente. A lógica de raciocínio, porém, é equivalente entre os dois.

sistema de relações entre situações de restrição ou de permissão de atividades de usuários (habitantes e visitantes) (HILLIER; PENN, 1991).

• Modelos ou textos *longos* tendem a produzir sistemas espaciais *conservadores* do conhecimento social que os precedem (HILLIER; PENN, 1991).

• Modelos ou textos *curtos* tendem a produzir sistemas espaciais *geradores* de experiências sociais com menor grau de previsibilidade pelas convenções que os precedem (HILLIER; PENN, 1991).

Seguindo tal raciocínio, naturalmente se chega à conclusão de semelhantes expectativas sociais tenderem a gerar semelhantes sistemas espaciais. Pode-se ir além e supor que, quanto mais longos são os modelos, mais recorrentes tendem a ser as semelhanças entre os edifícios, pois há menos possibilidades para que se realizem eventos sociais não previamente programados (MARKUS, 1987 – HILLIER; PENN, 1991).

Aceitando-se o argumento, pode-se ainda tirar uma última conclusão desse processo: entre a formulação de modelos baseados nas expectativas de uso e o desempenho final do objeto arquitetônico parece haver um dado código espacial que funciona como elo entre as duas situações. Essa conclusão remete imediatamente à idéia de soluções-tipo para cumprir com recorrentes expectativas sociais de uso da arquitetura.

Tanto em Hillier como em Markus, o tipo não é determinado pelas características tectônicas. As soluções no arcabouço físico do edifício são passíveis de grande variação e dependentes dos mais diversos fatores, variando de acordo com o contexto em que se inserem (HOLANDA, 2002). Considerar o tipo como um padrão de relações entre indivíduo e espaço e indivíduo com outros indivíduos aparece, para os autores, como um dado universal para a produção de todo e qualquer edifício, além de ser sua motivação original e dar-lhe sentido de existência em qualquer cultura ou período histórico.

5. Conclusão

É perceptível a familiaridade das formulações de Hillier e Markus com as idéias originalmente lançadas por Quatremère de Quincy em 1825. Contudo, se em Quatremère de Quincy o tipo é algo vago e indefinido, nos autores contemporâneos ele é algo mais claramente identificável: a arquitetura é sistema de relações entre indivíduos e espaço e entre indivíduos e indivíduos *no* espaço, antes mesmo de ser um objeto edificado; essas relações são viabilizadas por uma estrutura espacial na qual, quando descrita, podem ser identificados padrões que refletem as prescrições sociais que motivaram seu estabelecimento.

A própria idéia dos três tipos principais de Quatremère de Quincy apresenta semelhanças com o edifício elementar de Hillier – a definição mínima de um objeto a intermediar a relação do homem com o meio e com outros homens. Também a busca por uma epistemologia da arquitetura e a associação da produção da arquitetura com a produção da linguagem é muito próxima àquela Markus faz entre edifícios e textos. A complementação de Hillier e Markus sobre o conceito de Quatremère de Quincy está na abordagem científica dessa "matéria essencial" aos edifícios, suplantando a formulação puramente especulativa-intuitiva de Quatremère de Quincy sobre uma metafísica da arquitetura (LAVIN, 1992).

A análise comparativa entre os discursos funciona como uma reafirmação mútua e respectiva entre as posições teóricas dos autores. Mais ainda, ressalta a validade atual do pensamento de Quatremère de Quincy sobre os motivos originais para a existência dos variados edifícios. As formulações teóricas dos autores apontam para um caminho científico para estudar a arquitetura – esse caminho passa pelo reconhecimento que, em essência, edifícios são dispositivos de viabilização das relações primordiais da sociedade – o tipo que define um edifício é um dado social para a definição espacial de suas características.

Bibliografa

ARGAN, G. C. *Projeto e destino*. São Paulo: Ática, 2000.

ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENEVOLO, L. A história da ciddea. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

CANIGGIA, G.; MAFFEI, G. Il Lettura dell'edilizia di base. *Composizione architettonica e tipologia edilizia*. Veneza: Marsilio, v. 1, 1979.

CATALDI, G.; MAFFEI, G. L.; VACCARO, P. Saverio Muratori and the Italian school of plannig typology. *Urban morphology*. Birmingham: ISUF, v. 1, n. 6, p. 3-14, 2002.

CENIQUEL, M. *A prática arquitetônica como forma de elaboração de uma crítica arquitetônica: O estudo operacional de uma metateoria*. 1990. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

COLQUHOUN, A. Typology and design method. In: JENCKS, Charles; BAIRD, George (EE.). *Meaning in architecture*. Londres: Barrie e Jenkins, 1970.

CURL, J. S. *Classical architecture: An introduction to its vocabulary and essentials, with a selected glossary of terms*. Nova York/Londres: W. W. Norton e Company, 2003.

DURAND, J.-N.-L. *Précis of the lectures on architecture*. Los Angeles: Texts e Documents – The Getty Research Institute Publications Program, 2000.

FORTY, A. *Words and buildings: A vocabulary of modern architecture*. Nova York: Thames and Hudson, 2000.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2006.

FRAMPTON, K. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HILLIER, B. *Space is the machine: A configurational theory of architecture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HILLIER, B.; HANSON, J. *The social logic of space*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, B.; PENN, A. *Visible colleges: Structure and randomness in the place of discovery*, 1991.

HOLANDA, F. de. *Espaço de exceção*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

LAVIN, S. *Quatremère de Quincy and the invention of a modern language of architecture*. Cambridge; Londres: The MIT Press, 1992.

MARKUS, T. Buildings as classifying devices. *Environment and Planning B: Planning and Design*, Londres: Pion, n. 14, p. 467-484, 1987.

MARKUS, T. A. *Buildings and power: Freedom e control in the origin of modern building types*. Londres: Routledge, 1993.

MARKUS, T.; CAMERON, D. *The words between the spaces – Buildings and language*. Londres/Nova York: Routledge, 2002. (Architext Series).

MARZOT, N. The study of urban form in Italy. Urban Morphology, Birmingham: ISUF, v. 2, n. 6, p. 59-72, 2002.

MONTANER, J. M. *A modernidade superada: Arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

MOUDON, A. V. Urban morphology as an emerging interdisciplinary field. *Urban morphology.* Birmingham: ISUF, n. 1, p. 3-10, 1997.

MURATORI, S. *Studi per una operante storia urbana di Venezia*. Roma: Istituto poligrafico dello Stato/Libreria dello Stato, 1960.

PEVSNER, N. *A history of building types*. Princeton: Thames and Hudson, 1997.

QUATREMÈRE DE QUINCY, A. C. Type. In: *Dictionnaire historique d'architecture*. Paris: Librairie d'Adrien Le Clère et C.ie, tomo II, 1832.

ROSSI, A. *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RYKWERT, J. *A casa de Adão no paraíso*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RYKWERT, J. *A sedução do lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCOLARI, M. L'impegno tipologico. *Casabella*. Milão: Mondadori, n. 509-551, p. 42, 1985.

STEADMAN, P. Sketch for an archetypal building. *Environment and planning B: Planning and design.* Londres: Pion, p. 92-105, 1998. (Anniversary Issue).

STRAPPA, G. *Unità dell'organismo architettonico*. Bari: Dedalo, 1995.

Nota do Editor
Data de submissão: agosto 2009
Aprovação: março 2010

Cristiano Felipe Borba do Nascimento
Doutorando na linha de pesquisa de Projeto do Edifício e da Cidade do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre na linha de pesquisa Estudos do Ambiente Construído do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE, e arquiteto e urbanista pelo curso de arquitetura UFPE – Fundação Joaquim Nabuco.
Avenida Dezessete de agosto, 2187. Casa Forte
52061 540 – Recife, PE
(81) 3073-6398
cristiano.borba@fundaj.gov.br;
cristiano.borba@gmail.com